

CULTURA SURDA E GANHO SURDO

Daniele de Paula Formozo - Universidade Federal de Pelotas
Francielle Cantarelli Martins - Universidade Federal de Pelotas

O lugar de onde entendemos a surdez tem como base os Estudos Surdos, que inspirados pelos Estudos Culturais pensam a surdez na perspectiva da diferença. A partir de estudos de orientação pós-estruturalista, vários pesquisadores têm produzido discursos dentro dessa formação discursiva. Segundo Skliar (1998), os Estudos Surdos não problematizam a surdez, mas sim as representações hegemônicas que durante muito tempo fizeram com que ela fosse considerada uma deficiência. Trata-se de outra epistemologia em relação à surdez.

Por muito tempo a surdez foi considerada uma deficiência. Os surdos por muito tempo foram vistos como deficientes e consequentemente como pessoas incapazes de aprender, necessitando de reabilitação através do uso de aparelhos auditivos e de treinos de fonoaudiologia para aprender a oralizar. A língua de sinais em muitos momentos foi proibida, pois se acreditava que ela impediria o surdo de aprender a falar. Tais concepções foram pautadas em relações de poder entre surdos e ouvintes, sendo que estes determinavam o modo como o surdo deveria ser educado. Após muita resistência do movimento surdo, estudos e pesquisas construíram a concepção de surdez como uma experiência visual mediada pela língua de sinais e pela cultura surda, embora haja espaços em que o surdo ainda é considerado um deficiente.

Por uma questão linguística os surdos organizam-se em comunidades nas quais convivem com seus pares. Em geral a comunidade se constrói em torno da escola onde os surdos estudam, que é o lugar onde a maioria deles aprende sua primeira língua, a língua de sinais.

No interior das comunidades surdas existe um campo de lutas por significados construídos nas relações de poder. Tais significados são nomeados pelos surdos como cultura surda. Essa cultura, marcada pela resistência, produz identidades surdas e os membros dessas comunidades constroem seus significados a respeito do mundo através da experiência visual. A cultura surda é produzida por meio de marcas que são passadas de geração a geração. Como a grande maioria dos surdos nasce em famílias de ouvintes, podemos pensar a geração em termos de surdos mais velhos ensinando surdos mais

jovens, não necessariamente na mesma família, mas na mesma comunidade. A maioria dos surdos se relaciona emocionalmente com surdos, embora parentes, intérpretes de língua de sinais e amigos de surdos também frequentem as associações. Para muitos surdos a comunidade é um porto seguro onde a surdez pode ser narrada através de outro lugar.

A idéia da cultura surda subverte as concepções da surdez como deficiência. Os surdos, quando narram a si mesmos, não se veem como pessoas a quem falta a audição, mas como pessoas que se comunicam através de uma língua de modalidade visual. Não que a surdez deixe de existir, ela está presente, marcada na materialidade dos corpos, mas o que produz a cultura surda não é a falta de audição, e sim a experiência visual.

Assim outras concepções foram construídas juntamente com novos conceitos. Este estudo busca relacionar os conceitos de Deafhood/Ser Surdo, Deaf Gain/Ganho Surdo e Deaf Pride/Orgulho Surdo, articulando-os com a noção de cultura surda. Tais conceitos pretendem atender aos anseios de uma geração de surdos universitários - alunos e professores - que participam dos programas de pós-graduação e são ativistas no movimento surdo. Dessa forma, outras relações de poder entre ouvintes surdos e entre os próprios surdos estão sendo construídas. Procuraremos, neste artigo, explorar esses conceitos.

Deafhood/Ser surdo

Alguns pesquisadores dos Estudos Surdos como o britânico Paddy Ladd têm utilizado o termo *Deafhood* no lugar do termo surdez¹ por entender que na perspectiva pós-estruturalista não se pode falar em essência, e o termo surdez remete a uma essência, a um significado fixo. *Deafhood* se remete a um processo que está constantemente sendo construído, nunca está pronto, estabilizado, acabado, fixo, se contrapondo à noção essencialista de surdez.

O *Deafhood* trata de um pertencimento cultural transmitido no interior das comunidades surdas. As identidades surdas geralmente são construídas nas escolas e nas associações de surdos, pois a maioria dos surdos pertence a famílias ouvintes.

¹ Em espanhol é utilizado o termo *sordedad* no lugar de *sordera*.

Neste quadro podemos comparar a noção de Deafness (Surdez) com a de Deafwood (Ser Surdo).

Surdez	Ser Surdo
Deficiente audivo	Surdo
Furioso	Apaixonado
Ataque	Desafio
Militante radical	Ativista
Extremista	Centrado
Uso intenso da Libras	Libras = Português
Neutro	Posicionado
Obediência à família	Relação familiar saudável
Contra os ouvintes	A favor dos surdos
Visão clínica e patológica	Visão linguística e cultural
Passível de correção/ prejudicado	Normal/saudável
Foco na audição	Foco no ser como um todo

Figura 1 – Surdez x Ser Surdo

O quadro comparativo mostra a noção de *Deafhood* como um indivíduo orgulhoso de si, vivendo uma relação saudável com a família, mais preocupado em apoiar os surdos do que em atacar os ouvintes; enfim, um indivíduo centrado. É necessário problematizar as oposições binárias que construíram hierarquias entre ouvinte/surdo e desconstruir os discursos tidos como verdadeiros em relação a essas oposições.

O conceito de *Deafhood* está próximo à noção da diferença apregoada por autores como Giles Deleuze (1988), quando diz que a diferença entre duas coisas não é

a diferença entre elas, mas é diferença em si, inerente a cada coisa. A diferença potencializa e multiplica os sentidos. Nesse sentido, o *Deafhood* não procura essencializar o que o surdo deve ser, mas sim potencializar o que ele pode vir a ser, para além de oposições binárias que determinam vítimas e algozes.

Paddy Ladd faz distinções importantes entre surdez e *Deafhood* ao dizer que este conceito identifica não só as semelhanças na comunidade surda, mas também as discrepâncias, as disputas de poder. O autor não pensa no *Deafhood* como um estado, “sino un proceso em desarrollo, y que contiene diferentes lecturas sobre aquello em lo que pudiera consistir” (2011, p. 278).

O autor afirma que a noção de *Deafhood* modificou o conceito da pessoa surda, que passou a ser vista em uma relação dialética entre sua comunidade e sua cultura, influenciada por essa cultura e ao mesmo tempo desejando influenciá-la. Tal relação pressupõe um compromisso cultural.

No obstante, el desarrollo del término sordedad ofrece um espacio dentro del cual las creencias culturales y los valores sordos pueden ser articulados, reunidos y analizados. [...] No tengo la intención de proponer que la sordedad sea um estado finito. Más bien es um proceso; uno avanza hacia ella, para hacerla real (LADD, 2011, p. 424).

A comunidade surda é, para seus integrantes, um lugar seguro em que todos partilham de códigos semelhantes. Nesse espaço que não é geográfico não há necessidade de ILS, não há disputa de poder com ouvintes. Porém, como em qualquer comunidade, os seus membros correm o risco de cair em armadilhas no sentido de almejar que todos tenham uma única identidade surda, como se somente existisse uma única maneira de ser surdo, uma forma de surdez pura e original. A comunidade estabelece fronteiras que barram não apenas aqueles que estão fora dela, mas também os que estão dentro e incomodam ao questionar a ordem estabelecida. O preço que pagaremos para conviver na comunidade será a perda de nossa autonomia. Em troca da segurança, oferecemos nossa liberdade.

As políticas de identidade estão em um embate permanente pela imposição de significados. As disputas pelo poder também fazem parte da cultura surda. A comunidade surda também estabelece suas normativas, seus jeitos de ser surdo e seus essencialismos, como por exemplo: não oralizar, utilizar a LS e relacionar-se mais com surdos do que com ouvintes.

Paddy Ladd (2011) argumenta que essencialismos foram necessários em um determinado momento histórico, mas que foram problematizados pela noção de *Deafhood* na qual o modelo radical e extremista foi deslocado para um modelo mais centrado. O surdo que era contra os ouvintes hoje é a favor dos surdos. O foco na audição (ou na ausência dela) foi deslocado para o foco no ser como um todo.

É difícil conceituar o termo *Deafhood* pelo fato de não haver uma única identidade surda. De acordo com Lopes (2010), a diferença cultural não é compatível com a ideia de essência. A autora pensa o *Deafhood* como a possibilidade de partilhar as experiências semelhantes em um grupo de surdos. Não há uma essência surda, apenas marcadores culturais que dão sentido a muitas formas de viver a experiência visual.

Lutar pelo reconhecimento da diferença surda é lutar contra a noção de essência, pois na essência esconde-se aquilo que não podemos manipular, modificar e construir.

Entendemos que o termo *Deafhood* engloba todas as controvérsias que revelam outros significados culturais. O *Deafhood* não diz o que a comunidade surda é, mas dá oportunidade para que ela descubra o que pode vir a ser, oferecendo ferramentas para desconstruir padrões colonialistas e ouvintistas, a fim de que os surdos possam construir e reconstruir suas identidades (LADD, 2011).

Deaf Gain/Ganho surdo

Aaron Williamson, personagem apresentado por Bauman e Murray (2009), era aluno do professor H-Dirksen Bauman, na pós-graduação e pesquisava sobre normalidade, estudos surdos e deficiência. O seu objetivo era provar que quem é surdo não perde sua vida, o que geralmente comentavam quando descobriam que uma pessoa havia perdido a audição. Ele se questiona: “por que não perguntam o que ele ganhou na sua vida por ser surdo?” (BAUMAN e MURRAY, 2009, p. 3).

A partir dessa discussão os pesquisadores Bauman e Murray buscaram em suas pesquisas as possibilidades dos sujeitos surdos ou o *Deaf Gain*. Esse termo focaliza novos aspectos, a visão da linguística, da antropologia e da psicologia, entre outros. Seu foco é, principalmente, identidade, língua, experiência visual e cultura.

O *Deaf Gain* chama a atenção para as maneiras com as quais as estruturas visual, espacial e cinestésica da epistemologia da surdez (por exemplo, modos de saber) podem fornecer compreensões dos modos de saber que são vantajosos para todos os humanos, independentemente de sua capacidade auditiva. (BAUMAN e MURRAY, 2009, p. 7).

A noção de *Deaf Gain* inverte a epistemologia da surdez. A perda da audição é desconsiderada enquanto a experiência visual e é considerada como um ganho cognitivo e cultural.

Quando vista pela estrutura da normalidade, a surdez só pode ser imaginada como uma perda. Como resultado, os surdos só podem ser vistos como tendo uma perda na comunicação humana normal, a menos que eles sejam reabilitados ou curados. As instituições de medicina e educação têm há muito tempo tentado resolver as questões de perda auditiva através de pedagogias e procedimentos de normalização – desde problemas da fala e da audição a procedimentos cirúrgicos, e até mais recentemente, a testes genéticos que fornecem aos pais as opções de evitar o nascimento de crianças surdas no geral. (BAUMAN e MURRAY, 2009, p. 6).

Podemos identificar o empoderamento surdo e relacioná-lo com o conceito de *Deaf Gain*, pois sujeitos surdos começam a se reconstruir no momento em que percebem que a surdez tem seu lado positivo. Por isso surgiu o termo *Deaf Gain*. Sujeitos surdos queriam mudar o seu mundo e mostrar que há educação de surdos, identidade e língua, invertendo a lógica que considera a surdez como uma falta.

Se o surdo não lutar, não há o *Deaf Gain*, pois esse conceito significa o que as pessoas surdas conquistam: suas experiências, sua cultura, sua língua. Dessa forma, os surdos podem exigir que a sociedade os respeite.

É possível contar histórias que mostram o lado bom da vida dos surdos. O fato de ser surdo não significa a perda auditiva, e sim o ganho do mundo surdo, onde há língua, identidade, comunidade e história. Bauman e Murray (2009) argumentam que no passado os ouvintes se preocupavam com a educação e a normalização, e atualmente surdos independentes se unem para discutir sobre educação e diferença a partir de uma nova visão, com novas metodologias, novos resultados e novas perspectivas.

O primeiro passo em direção a tal “repensar” da direção da educação surda é considerar as bases sobre as quais a educação surda tem sido construída. Antes de nós podermos imaginar metodologias e resultados, nós devemos dar um passo atrás e examinar a noção de estruturação em educação surda. Como a moldura de uma pintura, as estruturas da mente guardam certas associações e deixam outras de fora; como a estrutura de uma casa, elas emprestam uma estrutura particular ao todo, e frequentemente requerem um imenso trabalho para adicionar. No que segue, este ensaio sugere que nós não devemos construir uma adição à estrutura existente que aloja muito da educação surda, mas imaginar uma estrutura totalmente nova, encarando uma direção completamente diferente (BAUMAN e MURRAY, 2009, p. 1).

Na vida dos surdos, apesar de muitas experiências e convivências, há o lado positivo. Muitas pessoas surdas superaram as barreiras impostas pela vida. Há aqueles que convivem com os ouvintes, que desenvolvem suas pesquisas e fazem descobertas científicas na área da linguística, educação, antropologia e psicologia, entre outras. Nos últimos quinze anos os surdos progrediram muito através da luta pelo direito a ter sua língua, sua identidade e sua cultura. Atualmente, a luta é pela busca e manutenção das escolas bilíngues, onde a língua de sinais é a primeira língua do surdo. O movimento surdo é cada vez conquistando mais espaço.

As pessoas surdas não se veem como deficientes, mas como surdos que possuem língua e identidades próprias. Antigamente havia uma grande preocupação e especulação sobre as pessoas consideradas especiais e deficientes. Tencionava-se a cura da audição e a utilização do método oral. Atualmente essa linha de pensamento ainda permanece, mas agora as pessoas surdas compreendem que possuem direitos, língua e identidades. Foram desenvolvidas muitas pesquisas sobre os sujeitos surdos, sua vida e suas qualidades. Através disso, suas capacidades e jeitos de ser adquirem visibilidade para a sociedade.

A sociedade contemporânea esta saindo dos espaços do modernismo e organizou-se de tal forma a lidar com as diversidades tendo em vista que não consegue lidar com as diferenças. O controle não é mais por uma governamentalidade rígida como na modernidade e nem de que se tornou um espaço de multiplicidade irreconhecível como na pós-modernidade. A sociedade atual controla e regula e não permite abertamente que nos organizemos como cultura específica com achados culturais. De acordo com estas instancias, os surdos da atualidade precisam ser persuadidos que a cultura surda é boa para eles, mas que precisam frequentar o espaço ouvinte. E nestes espaços estamos nós, procurando construir nossa cultura, nosso jeito de ser diferentes. Aqui nós constituímos um grupo que se força por, buscar os espaços de felicidade e de ser em grupo. É aqui também que encontramos espaços para afirmar a subjetividade, cultura e identidade (PERLIN e REIS, 2012, p. 37).

As autoras, pesquisadoras surdas, relatam que em sua vida sofreram processos de normalização ouvinte, pois não era admissível que um surdo pudesse ser uma pessoa capaz. Mas conseguiram inverter essa normalização centrando-se nos ganhos que a surdez pode oferecer e na riqueza da cultura surda, que lhes proporcionou a conquista de espaços que há pouco tempo atrás eram exclusivamente ouvintes.

O *Deaf Gain* chama a atenção para as maneiras com as quais as estruturas visual, espacial e cinestésica da epistemologia surda (por exemplo, modos de saber) podem fornecer compreensões dos modos de saber que são vantajosos

para todos os humanos, independentemente de sua capacidade auditiva (BAUMAN e MURRAY, 2009, p. 7).

O *Deaf Gain* potencializa a noção de surdez como experiência visual e não mais falta de audição, valorizando a cultura surda, e tem três principais aspectos: Benefício Surdo, Contribuição Surda e Crescimento Surdo, estando envolvido com uma nova epistemologia surda. O Benefício Surdo representa o que os surdos ganham por serem surdos, pois conseguem se comunicar com outros surdos em diferentes países. A Contribuição Surda significa que os surdos contribuem para o mundo, seja para outros sujeitos surdos ou ouvintes que utilizam língua de sinais. Crescimento Surdo significa que surdos se desenvolvem e ajudam outras pessoas, como por exemplo, muitas crianças ouvintes que aprendem a língua de sinais para se comunicar, e muitos surdos que trabalham com arquitetura porque conseguem visualizar melhor, construir casas com melhor visual e iluminação. Esses conceitos expressam a noção oposta à deficiência auditiva e sujeitos surdos mostram porque são importantes. Segundo os autores:

Existem três sinais diferentes que usamos para dizer sobre *Deaf Gain*. O primeiro pode ser glosado como CRESCIMENTO SURDO, e que expressa a noção oposta de "perda" de audição. Ela enfatiza que os surdos têm algo de importância. O segundo sinal pode ser glosado como BENEFÍCIO SURDO, e enfatiza que a surdez não é apenas perda, mas um benefício também. O terceiro sinal pode ser glosado como CONTRIBUIÇÃO SURDA. Este sinal enfatiza a importância de considerar todas as maneiras com que as pessoas surdas contribuem para a humanidade. Vamos usar todos destes três sinais em nossa discussão de *Deaf Gain*, escolhendo o sinal que se encaixa melhor no contexto (BAUMAN e MURRAY, 2009, p. 3).

Esses conceitos mostram que os surdos têm seus benefícios e ajudam a esclarecer e alertar ao mundo que eles possuem sua língua e identidade, mas precisam ser valorizados e respeitados.

Há muitas histórias em que sujeitos surdos experienciam situações de preconceito. Por isso, acreditamos que os momentos de grande importância são os de *Deaf Gain*, pois mostram as conquistas, benefícios e contribuições que os surdos têm na sua comunidade para mudar as perspectivas da sociedade.

Deaf Pride/Orgulho Surdo

A cultura surda pressupõe a noção de *Deaf Gain*, que se alia à noção de *Deaf Pride*. Sobre esse conceito, o pesquisador surdo Leland McCleary explica:

Agora diga para um ouvinte: “Eu tenho orgulho de ser surdo!” O ouvinte vai ficar chocado. Ele vai ficar confuso. Por que razão ter orgulho de ser surdo? O ouvinte sempre acreditou no seu coração que surdez é uma falta. É uma deficiência. Como é possível ter orgulho de uma deficiência? [...] O ouvinte não gosta de ouvir isso, porque começa a colocar em questão a certeza que tem sobre o mundo. Ele não pode mais achar que o surdo é um coitado porque um coitado não tem orgulho de si mesmo. O ouvinte não tem explicação para o orgulho de ser surdo.[...] para o ouvinte é um absurdo, é um paradoxo. [...] É por isso que dizer que você tem orgulho de ser surdo é um ato político (2003, p. 2-3).

O *Deaf Pride* transgride, desacomoda, profana e incomoda o ouvinte, ao mesmo tempo em que aumenta a autoestima do surdo, que não mais se sente um coitado. E esse orgulho só acontece quando ele começa a participar da comunidade surda e constrói sua identidade. No contato com seus pares os surdos podem se orgulhar de sua língua, de sua cultura, de sua percepção visual.

[...] esse mal-estar que resulta quando o ouvinte é confrontado com ‘o orgulho de ser surdo’ ajuda a deslocar a perspectiva ouvintista sobre a surdez; ajuda a desestabilizar a definição ouvinte da condição de ser surdo; ajuda a possibilitar uma nova definição surda sobre o que significa ser surdo (MACCLEARY, 2003, p. 8).

McCleary salienta que não é o orgulho de ser surdo a única arma política que os surdos devem utilizar; pelo contrário, ela sozinha pode significar segregação e preconceito contra os ouvintes – e não é essa a intenção. Esse orgulho deve vir junto às reivindicações por escolas bilíngues, pela difusão das LS e pela presença de TILS nos meios de comunicação, entre outras.

As noções de *Deaf Gain* e de *Deaf Pride* estão cada vez mais arraigadas à cultura surda, constituindo-se em uma importante marca surda que ajuda a construir uma nova epistemologia em relação à surdez.

Através desses novos conceitos pode-se pensar a surdez como uma invenção cultural e a educação de surdos como localizada dentro da pedagogia da diferença. Conforme Alfredo Veiga-Neto, no prefácio do livro *A invenção da surdez II*, “a escolha da palavra *invenção* aponta para uma perspectiva que, ao invés de compreender a surdez como um problema, uma patologia, uma falta ou uma incapacidade, a compreende como uma invenção cultural” (2006, p.8). É claro que os surdos continuam surdos, a

materialidade da surdez está inscrita em seus corpos, mas a sombra da deficiência está cada vez mais distante.

REFERÊNCIAS

BAHAN, Benjamin, BAUMAN H-Dirksen, MONTENEGRO, Facundo. **Audism Unveiled**. San Diogo / CA: Dawnsignpress, 2008. [DVD]

BAUMAN, Dirksen. MURRAY, J. Joseph. **Reframing: From hearing loss to Deaf Gain**. Deaf Studies Digital Journal, 1. 2009.

DELEUZE, Giles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro (RJ), Graal, 1988.

LOPES, Maura Corcini. Marcadores culturais surdos. In: VIEIRA-MACHADO, Lucyenne Matos da Costa e LOPES, Maura Corcini. **Educação de surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda**. Santa Cruz do Sul (RS), EDUNISC, 2010, p. 116 - 137.

PERLIN, Gladis. REIS, Flaviane. **Surdos: Cultura e transformação contemporânea**. In: PERLIN, Gladis, STUMPF, Marianne Rossi. (Orgs.) Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Curitiba: CRV, 2012.

VEIGA-NETO, Alfredo. Apresentação. In: THOMA, Adriana S. e LOPES, Maura C. (orgs). **A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos**. Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 2006, p. 7 – 8.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e as diferenças. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre (RS), Mediação, 1998, p. 5-6.